



ESTADOS UNIDOS

Indiferente à pressão, Biden fala em vitória

Presidente norte-americano reafirma candidatura à reeleição e se diz ansioso para retomar a campanha, após ser diagnosticado com covid-19. Em nota, ele assinala que o programa de Donald Trump representa uma ameaça para o país

Parentemente indiferente à pressão para a desistência de sua candidatura à reeleição, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, mostrou, pelo menos publicamente, determinado a prosseguir na corrida à Casa Branca. Isolado em sua residência em Delaware após diagnóstico de covid-19, o chefe da Casa Branca emitiu, ontem, um comunicado em que disse que vai retomar a campanha na próxima semana e prometeu que os democratas sairão vitoriosos nas urnas em novembro. Na nota, ele classificou como sombrio o discurso de seu rival, Donald Trump, no encerramento da convenção republicana.

"Estou ansioso para voltar à campanha na próxima semana e continuar expondo a ameaça da agenda do Projeto 2025 de Donald Trump, ao mesmo tempo em que defendo meu próprio histórico e a visão que tenho para os Estados Unidos: um país onde salvamos nossa democracia, protegemos nossos direitos e liberdades e criamos oportunidades para todos", escreveu o presidente de 81 anos. "Há muito em jogo e a escolha é clara. Vamos vencer juntos", acrescentou.

Pela manhã, especulou-se que Biden poderia abandonar a corrida pela reeleição neste fim de semana devido à crescente pressão do Partido Democrata, preocupado com sua capacidade física e mental para governar em um segundo mandato. Só ontem, sete parlamentares da Câmara dos Representantes e um terceiro senador se juntaram aos questionamentos e pediram que Biden ceda o lugar a outro candidato.

Quatro desses parlamentares assinaram uma carta instando o presidente a "passar o bastão". No total, já são cerca de 30, incluindo integrantes de grupos afro-americanos e hispânicos, que até agora haviam ficado à margem da polêmica. "O retorno de Donald Trump à Casa Branca representaria um perigo existencial para nossa democracia. Precisamos derrotá-lo em novembro e precisamos de um candidato que possa fazer isso", destacou o senador Martin Heinrich, do Novo México.

Fotos: AFP



De cabeça baixa, o chefe da Casa Branca desembarca em Delaware, na noite de quarta-feira, após testar positivo para covid-19: "Vamos vencer juntos"



Trump beija o rosto da esposa, Melania, no palco da convenção republicana: de volta aos comícios hoje

No comando

Obstinado e naturalmente otimista, parece não se intimidar. Apesar do desempenho ruim em um debate contra Trump no fim do mês passado, o presidente continua no comando. "O presidente está na corrida absolutamente. Está mais determinado do que nunca a derrotar Donald Trump", reforçou sua diretora de campanha, Jen O'Malley Dillon, na rede MSNBC.

Biden está convencido de que é a pessoa mais qualificada para derrotar o republicano nas urnas,

como fez em 2020. "A visão sombria de Donald Trump para o futuro não representa quem somos como americanos", assinalou o líder democrata no comunicado, referindo-se ao discurso que o magnata, de 78 anos, fez para encerrar a convenção republicana na quinta-feira.

Várias pesquisas recentes apontam para a eleição do republicano. Até mesmo nos estados-chave (aqueles em que os eleitores escolhem com base no candidato e em outros fatores e não no partido), que são essenciais para obter a

vitória. Citando fontes anônimas, a imprensa norte-americana sustenta que Biden está elaborando um plano para uma desistência digna nos próximos dias.

A pressão aumentou há dois dias, depois que meios de comunicação noticiaram que o ex-presidente Barack Obama, a ex-presidente da Câmara dos Representantes Nancy Pelosi e os atuais líderes do partido no Congresso expressaram preocupação nos bastidores.

Em entrevista à rádio WNYC, ontem, o líder da minoria democrata na Câmara dos



A visão sombria de Donald Trump para o futuro não representa quem somos como americanos"

Joe Biden,
presidente dos Estados Unidos



Teremos uma vitória incrível e começaremos os quatro maiores anos da história do nosso país"

Donald Trump,
candidato republicano

a escolha não é automática e ela poderia enfrentar outros nomes de peso do partido.

Aclamação

Enquanto isso, Trump foi mais uma vez aclamado por uma multidão no discurso de encerramento da convenção republicana, na noite de quinta-feira. Cercado por familiares, incluindo sua esposa, Melania, ele descreveu a tentativa de assassinato da qual foi alvo e pediu votos para implementar seu programa e seu lema "Make America Great Again".

No discurso em que aceitou a nomeação republicana para tentar voltar à Casa Branca, o magnata previu uma "vitória incrível" sobre o rival. O ex-presidente falou por mais de 90 minutos — muito acima da média do padrão da convenção — e apresentou um relato profundamente pessoal de sua experiência de quase morte, antes de criticar a maneira como os democratas administram a economia, a imigração e outros temas.

"Teremos uma vitória incrível e começaremos os quatro maiores anos da história do nosso país", disse Trump, no primeiro discurso desde que um homem de 20 anos atirou nele, causando um ferimento em uma orelha e matando um espectador durante um comício há uma semana na Pensilvânia. "Eu não deveria estar aqui esta noite", disse Trump, o que motivou a resposta de seus seguidores: "Sim, você está." Hoje ele retoma os comícios, em Michigan.

Prometendo concluir um muro na fronteira dos EUA com o México, Trump disse que uma "invasão" de imigrantes levou "destruição" e "miséria" a uma "nação em declínio". Ele prometeu acabar com os enormes gastos de Biden no combate às mudanças climáticas, chamando-os de "fraude".

O ex-presidente novamente alegou que os democratas trapacearam em sua derrota para Biden na eleição de 2020. E, apesar de seus assessores prometerem que Trump não mencionaria Biden no discurso, ele se referiu ao seu oponente pelo nome e destacou "os danos" que ele causou.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Dois candidatos no jogo de espelhos

A uma semana de enfrentar as urnas, o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, joga uma "rodada de fogo" no esforço para conquistar o terceiro mandato consecutivo e dar continuidade ao projeto político chavista. A oposição, pelo seu lado, exibe pesadas de opinião que dão ao seu candidato, o diplomata Edmundo González, vantagem de até 40 pontos sobre o adversário.

Em um dos comícios finais, Maduro advertiu que sua reeleição, no domingo que vem, será "a última chance" de livrar o país de "um banho de sangue", uma guerra civil. Olhando no espelho, o presidente venezuelano poderia enxergar o Donald Trump de quatro anos atrás, que resistia a entregar a Casa Branca ao desafiante Joe Biden, alegando fraude em sua derrota.

Hoje, o bilionário republicano desponha como franco favorito para dar o troco no

presidente democrata — mais ainda depois do atentado que sofreu no último fim de semana. Quanto a Biden, cresce a expectativa de que desista da candidatura, sob pressão dos cardeais do partido e da base eleitoral.

Ainda assim, a exemplo do desafeto sul-americano, Trump segue sugerindo que não aceitará outro resultado senão a vitória, nas eleições de novembro.

À meia-luz

A reta final da campanha pelo Palácio Miraflores promete emoções fortes e sobressaltos. Antes de tudo, por conta de um virtual blecaute informativo que deixa eleitores e observadores — inclusive, externos — praticamente às escuras. É como a situação do passageiro do trem-fantasma, que não pode enxergar o que vem pela frente, mas sabe que lhe aguardam sustos.

A incerteza começa pelas pesquisas, que em sua maioria são encomendadas por partidos e candidatos — e cada qual escolhe os números mais favoráveis para apresentar como "confiáveis". O campo governista é mais moderado nas projeções, mas também apresenta sondagens em que Maduro aparece à frente. É aposta, como nos últimos 25 anos desde a primeira eleição de Hugo Chávez, na base social construída pelo patriarca do "socialismo bolivariano".

Deixa disso

O clima que antecede a votação na Venezuela estará no centro das atenções dos parceiros sul-americanos, na semana que começa. O presidente Lula, que no ano passado afiançou um acordo entre governo e oposição para a realização de eleições "livres e justas", mal disfarça a preocupação. Ao lado

do colega da Colômbia, o ex-guerrilheiro esquerdista Gustavo Petro, ele joga as fichas na construção de um mecanismo regional que administre a crise e evite a intervenção de "agentes extrarregionais".

Na própria vizinhança, no entanto, a Argentina de Javier Milei puxa a fila dos governos que se alinham aos EUA nas advertências a Maduro para que aceite uma eventual derrota. A Casa Branca, por sinal, se vê às voltas com o dilema de Joe Biden e o desafio de tentar reverter uma derrota que se desenha no horizonte. A torcida pela oposição venezuelana inclui ainda a Europa, que teve uma missão de observação eleitoral desconvidada por Caracas.

Toca outra vez

Quanto a Donald Trump, o discurso de encerramento da Convenção Nacional Republicana, quando aceitou formalmente a candidatura, souu em muitas passagens como a fala de um presidente eleito. Por sinal, o favorito nas pesquisas uma vez mais "antecipou" o início do próprio governo para a noite da votação. A ênfase

ficou em temas domésticos, com grande espaço para relatos e reflexões sobre o atentado frustrado.

Mas houve espaço para um par de temas de política externa. Como tem repetido desde fevereiro de 2022, o presidente republicano insistiu em que entrará em campo para "resolver" a guerra na Ucrânia antes mesmo de tomar posse. O prazo vale também para o conflito entre Israel e o Hamas, mas nesse tópico o candidato toma partido claro: advertiu o movimento palestino para "consequências severas", caso não liberte até novembro os reféns israelenses que capturou em outubro de 2023.

Trump não falou diretamente sobre a América Latina, a não ser para reafirmar a política de linha-dura contra a imigração ilegal para os EUA. Indicação clara de que o tom será o mesmo do primeiro mandato, quando impôs sanções à Venezuela e transformou na prática em letra morta o tratamento de relações com Cuba, celebrado pelo antecessor democrata Barack Obama.